

# 2904

**Luca Berghella Dreher**  
**instituto natural de desenvolvimento infantil**  
**Brasília 29/08/2021**



Editora



**Águas que passaram provavelmente passaram.**



## | 2904 |

- 29/04/2053 |

17:38

“Acho que tudo correrá como o planejado, todos os números, de 02 a 314 estão prontos. Estou indo para Oeste às 19 horas, encontro vocês lá, até mais tarde.”

18:23

“Não chegarei a tempo, irei me proteger da tempestade que está chegando em um posto abandonado.” “Fui achado e estou em fuga para sul, a tempestade está muito forte, não sei se irei escapar.”

19:11

“Vejo uma onda gigante chegando aqui perto, pode ser um bom sinal, vou me enfiar em algumas valas para ver se os distraio, acho que podemos levar tudo como uma pegadinha!”

“A onda foi mais forte do que eu imaginava, não consigo ver mais nenhum carro atrás de mim, o que seria bom, isso se a gasolina da minha minivan não tivesse acabado, vou procurar um posto para me aquecer.”

“Não sinto minhas pernas.”

19:45

“Cadê o cone?”



# | Capítulo 1 |

## Água

Voltando um pouco, há 21 anos, do dia pra noite o mundo começou a inundar, sem nenhuma explicação, mesmo sendo uma urgência mundial, os governos mantêm tudo em segredo, quem procurasse o motivo, morria.

Pesquisadores que estavam vendo o caso desapareceram, teorias da conspiração bombaram, o mundo estava um caos. Cidadãos buscavam abrigo em superfície, terras inundadas se tornaram sem lei, terras sem nome começaram a aparecer (e desaparecer).

2 anos após isto, um pequeno garoto de 5 anos viu seus pais serem levados por uma correnteza, o garoto não podia fazer nada pois estava com sono, tipo, muito sono. Traumatizado com a situação, o pequeno garoto decidiu que descobriria o motivo do mundo ter inundado, e que também iria arrumar seus horários.

Esse garoto cresceu, e, sozinho, comanda um projeto ilegal de exploração subaquática, denominada TG (não há significado).

Seu nome é Adriano, mora em cima de um lixão submerso, pescando a sucata e criando maquinários, como os peixes não vivem ali, ele se alimenta de pássaros e insetos. Adriano foi obrigado a morar isolado por ter incendiado um vilarejo anos atrás.

Adriano já foi do exército, mas lá descobriu o quão imundo eram as botas de expedição (ele é obcecado por



limpeza, mas não sabe como limpar nada), foi quando ele decidiu ser um criminoso e se rebelar, dando vida ao seu sonho de infância.

Como as terras estão menores, as prisões foram demolidas e trocadas por um sistema de “tortura psicológica”, os prisioneiros são enviados a lugares inabitáveis, sem condições de fuga, sem comida, apenas um barco, e lá devem se virar para sobreviver.

## **| Capítulo 2 |**

### **Guarda-chuva**

Os barcos tinham numerações, iam 1 a 599, sendo 164 o de Adriano, e assim levou-o a ter uma idéia com um pequeno guarda-chuva, o item mais conservado que Adriano havia achado nas profundezas do lixão.

Mesmo sendo isolado, o preso era monitorado duas vezes por semana, em momentos aleatórios, mas Adriano percebeu uma falha. Como ele não era o único preso naquela região, com um binóculo, ele percebeu que havia sim uma ordem. Seu barco era monitorado entre 47 e 234, e, para melhorar, havia barcos sinalizadores para auxiliar os monitoradores.

Sendo assim, Adriano bolou um plano, com seu guarda-chuva, uns fios, lâmpadas e ajuda sem lógica do autor (tudo perfeitamente limpo, obviamente), ele conseguiria fingir um sinalizador. Para assim, enganar o monitorador e roubar seu barco. Pelo fato do monitorador ser sorrateiro, ele usava os sinalizadores como principal luz, sempre chegando perto deles, mas nunca



chegando perto dos presos.

Ele pôs o plano em prática, ficou uma semana montando e mais duas até que funcionasse. E bum, a isca estava indo até ele, ele já ia até rindo, até que percebeu algo muito importante.

Ele não tinha armas.

Mesmo assim, resolveu ir na base do muro, só para ter um pequeno diálogo com os soldadinhos.

Por sorte (ou não), apenas o navegador estava acordado e desarmado, dando a chance de Adriano espantá-los e assim o fez.

## | Capítulo 3 |

## Barco

Com o barco em mãos, era hora de pôr o plano em prática. Pegou umas importantes “sucatas” de seu antigo barco e zarpou rumo ao conhecido. Pegou o gps do barco e traçou uma rota para sua antiga casa, no Novo México.

Seria uma viagem longa, mas ele não se importou com os riscos, só com a gasolina.

E foi aí que começou sua busca por combustível. Adriano agora era um fugitivo, os guardas de pouco em pouco já conheciam seu rosto, não dava mais para se esconder ou dava. Foi na virada da noite pro dia que ele viu um cone boiando ao seu lado, quando teve a brilhante idéia de pô-lo em sua cabeça, servindo como um disfarce.

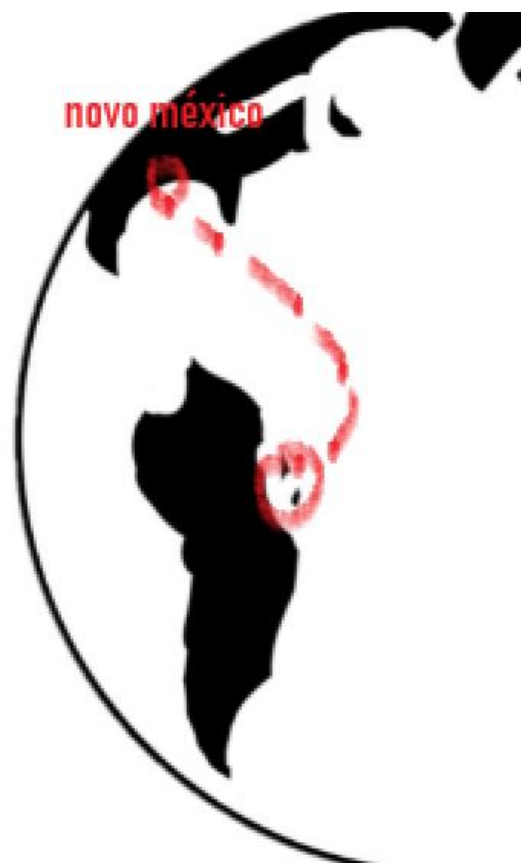
Bem, e deu certo, e foi assim, não arrumando suas malas, pois ele não tinha, que Adriano partiu em sua jornada de dois pequenos meses em busca do Novo México.

Foram dias e dias sem comida ou água potável, sobrevivendo de aves e chuva, apenas. Mas, continuou, não dava para voltar, eu acho. Quando finalmente chegou, percebeu algo estranho.

Ainda estava com o cone na cabeça.

Mas, sem saber se o mundo inteiro conhecia ele, continuou andando pela cidade com um cone na cabeça. Como estava faminto e não tinha dinheiro, furtou um pouco ali, um pouco aqui. No final, acabou fazendo as “compras do mês”.

Dali, voltou para sua antiga casa, com muitas saudades. Sem expectativas de mudanças, ou algo do tipo.





## **| Capítulo 3.5 |**

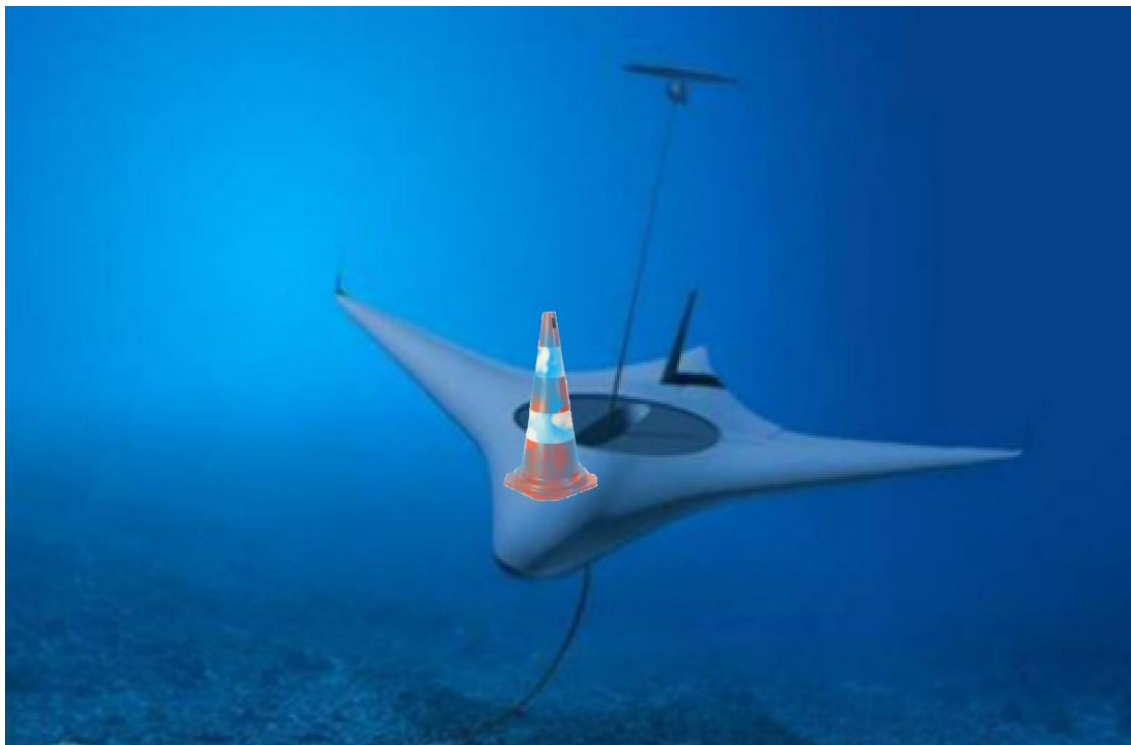
### **Casa**

Ao voltar para sua casa, lembrou de sua avó, que o cuidou por sua infância inteira, gostaria de saber onde ela está. Enfim, a casa estava com um enorme cheiro de mofo, que nojo!

Embora abandonada, suas criações ainda estavam lá, os TGs, projetos de Adriano após sair do exército. Intactos e ainda com suas plantas originais, perfeitos, segundo Adriano. Os TGs são grandes drones submarinos com capacidade de ir até 2 mil metros abaixo do mar, foram criados 16 exemplares, com destaque para o 02, que conseguiu desativar os radares de um submarino.



Admirando suas criações, Adriano esbarrou em uma foto de família, mesmo não tendo uma. Não pensou duas vezes, sua casa havia sido roubada.



Ao olhar para o lado, Adriano vê uma rachadura em sua parede, curioso, vai verificar. Ao olhar pelo buraco, vê um olho, assustado, foge, antes de qualquer coisa, tenta ligar para polícia, que não atende.

Ansioso, vê pela pequena fresta

Era seu próprio rosto atrás da parede, Adriano ficou olhando, olhando e olhando. Nunca havia visto a si mesmo tão de perto. Enquanto ele olhava para, algumas memórias voltavam, memórias da sua infância, memórias sobre um carro.

Quando tudo se apagou.



## **| Capítulo 4 |**

### **Quarto**

Um quarto branco, um lugar sem horizontes, mas com um horizonte infinito, sem paredes, sem teto, sem sombras, um vazio com apenas luz. O lugar mais limpo e o menos lúcido, um lugar sem pensamentos, mas uma reflexão

Adriano não tinha mais expressões, ele não sabe o que mais é real, a única coisa que lhe sobrou é uma imagem de sua avó em sua mente. Ele quer mandar mensagens para, ele já tentou mandar, o que seria o dia 29/04?

Ele estava sendo afogado pela própria inundação de sentimentos, fugindo da própria consciência em um barco roubado, para uma cidade

que ninguém conhece, ser resgatado das profundezas por um drone de sucata.

Como eu fui parar aqui? Eu sempre estive aqui?  
Ele não sabia a resposta.

O que restava em suas memórias era alguém que ele sonhou ser,  
e algo que ele sonhou fazer.



## | Capítulo 5 |

### Capítulo 5

No quarto vazio ele encontra seu fim, não sabe o que fez e o que mudou, não sabe seu propósito, como a água de um rio que acabou de passar.

Se o cone laranja é para alertar algo às pessoas, o cone cinza seria para ignorar?

O pequeno cone na cabeça do homem manda mensagens para ele mesmo. Ele cria ilusões para si mesmo, com intuito de se alertar, ou se proteger.

O cone protege e danifica, o cone alivia e ameaça, o cone sinaliza e atrapalha.

O cone testa, e você fracassa.

Mas, no final, qual a utilidade do cone? Se é tão simples passar por ele.

